

**AS INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA NOS
PROJETOS EDUCATIVOS DA ECOESCOLA THOMAS A KEMPIS**

THE INTERFACE BETWEEN RURAL EDUCATION AND AGROECOLOGY IN THE
EDUCATIONAL PROJECTS OF ECOESCOLA THOMAS A KEMPIS

LAS INTERFACES ENTRE LA EDUCACIÓN DEL CAMPO Y AGROECOLOGIA EN LOS
PROYECTOS EDUCATIVOS DE LA ECOESCUELA THOMAS A KEMPIS

Francisco de Assis Santos¹ 0009-0007-1334-3918
Elmo de Souza Lima² 0000-0002-8102-2062

¹ Secretaria de Assistência Técnica e Defesa Agropecuária – SADA-PI– Teresina, Piauí, Brasil;
franciscosantos10353510@gmail.com

² Universidade Federal do Piauí – Teresina, Piauí, Brasil; elmolima@gmail.com

RESUMO:

A Educação do Campo e Agroecologia se constituem como partes indispensáveis a estratégia de construção de um novo projeto de sociedade pautado no princípio da sustentabilidade e da justiça social, referenciados na cooperação, na valorização dos diferentes saberes e no respeito as diversas formas de vida que constituem os agroecossistemas. Este artigo visa discutir sobre o processo de aproximação entre Agroecologia e a Educação do Campo nos projetos educativos da Ecoescola Thomas a Kempis, destacando as possibilidades de construção de conhecimentos comprometidos com a construção de outro projeto de vida no campo. A pesquisa foi desenvolvida na Ecoescola Thomas A Kempis, localizada no município de Pedro II - PI, a partir da abordagem crítico-dialética. No processo de construção dos dados, utilizamos a pesquisa documental, a entrevista semiestruturada e as rodas de diálogo. Os diálogos estabelecidos com os sujeitos da pesquisa evidenciaram que os projetos educativos desenvolvidos a partir da agroecologia possibilitaram a articulação entre os conteúdos disciplinares e os conhecimentos gerados a partir das experiências dos camponeses. Além disto, os conhecimentos produzidos a partir destes projetos promovem uma formação técnica e política dos educandos/as, associada à construção de outro projeto de vida no campo, pautado nos princípios da sustentabilidade, na cooperação e na luta pela transformação social.

Palavras-chave: agroecologia; educação do campo; práticas educativas.

ABSTRACT:

Rural Education and Agroecology are indispensable parts of the strategy for building a new project for society based on the principle of sustainability and social justice and based on cooperation, appreciation of different knowledge and respect for the different forms of life that constitute the agroecosystems. This article aims to discuss the process of approximation between Agroecology and Rural Education in the educational projects of Ecoescola Thomas a Kempis, highlighting the possibilities of building knowledge committed to the construction of another life project in the countryside. The research was carried out at Ecoescola Thomas A Kempis, located in the municipality of Pedro II - PI, from the critical-dialectical approach. In the data construction process, we used documentary research, semi-structured interviews and dialogue circles. The dialogues established with the research subjects showed that the educational projects developed from agroecology enabled the articulation between the

disciplinary contents and the knowledge generated from the experiences of the countryman. In addition, the knowledge produced from these projects promote technical training and student policy, associated with the construction of another life project in the countryside, based on the principles of sustainability, cooperation and the struggle for social transformation.

Keywords: agroecology; rural education; educational practices.

RESUMEN:

La Educación del Campo y Agroecología se constituyen como partes indispensables a la estrategia de construcción de un nuevo proyecto de sociedad basado en el principio de la sustentabilidad y de la justicia social y referenciados en la cooperación, en la valoración de los distintos saberes en respeto a las muchas formas de vida que constituyen los agroecosistemas. Este artículo pretende discutir sobre el proceso de proximidad entre la Agroecología y la Educación del Campo en los proyectos educativos de la Ecoescuela Thomas a Kempis, enfatizando las posibilidades de construcción de los conocimientos comprometidos con la construcción de otro proyecto de vida en el campo. La pesquisa fue desarrollada en la Ecoescuela Thomas A Kempis, que está en la ciudad de Pedro II- PI, a partir del abordaje crítico- dialéctica. En el proceso de construcción de los datos, utilizamos la pesquisa documental, la encuesta semiestructurada y la ruedas de diálogo. Los diálogos establecidos con las personas de la pesquisa mostraron que los proyectos educativos desarrollados a partir de la agroecología posibilitaron la articulación entre los contenidos disciplinares y los conocimientos generados a partir de las experiencias de los campesinos. Además de eso, los conocimientos producidos a partir de estos proyectos promueven una formación técnica y política de los educandos/as, relacionados a la construcción de otro proyecto de vida en el campo, basado en los principios de la sustentabilidad, en la cooperación y la lucha por la transformación social.

Palabras-clave: agroecología; educación del campo; practicas educativas.

Introdução

O debate sobre a Educação do Campo e a Agroecologia ganhou centralidade nas lutas empreendidas, na última década, pelos movimentos sociais voltados à construção de outro projeto de campo pautado nos princípios da sustentabilidade e da justiça social. Os diálogos estabelecidos entre essas áreas de estudos têm potencializado a troca de experiências entre as organizações sociais, os camponeses e as escolas do campo, forjando novos conhecimentos e pedagogias comprometidas com a transformação social.

Nessa perspectiva, as inter-relações entre a Educação do Campo e a Agroecologia tem possibilitado a articulação de diferentes conhecimentos, saberes e práticas sociais, assim como a construção de alternativas que apontem caminhos para a superação do modelo de sociabilidade capitalista, pautado na exploração dos recursos naturais, na desumanização dos sujeitos, segregação do conhecimento e negação da diversidade de saberes e práticas sociais.

As semelhanças entre os princípios e elementos de constituição originária entre Educação do Campo e Agroecologia se constituem, em parte, das condições políticas e pedagógicas necessárias para o desenvolvimento de práticas educativas capazes de promover a

cooperação, o protagonismo dos camponeses e a construção do conhecimento a partir da realidade econômica, social e política dos sujeitos.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo discutir sobre o processo de aproximação entre Agroecologia e a Educação do Campo nos projetos educativos da Ecoescola Thomas a Kempis, destacando as possibilidades de construção de conhecimentos comprometidos com a construção de outro projeto de vida no campo.

As reflexões compartilhadas neste texto são oriundas da pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado em Educação, no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí - UFPI, realizada na Ecoescola Thomas a Kempis, localizada no município de Pedro II, a partir das contribuições da abordagem qualitativa e dos referenciais teóricos crítico-dialético. Na construção dos dados, utilizamos a pesquisa documental, a entrevista semiestruturada e as rodas de diálogo. Os interlocutores da pesquisa foram: educadores/as, educandos/as e representantes do Centro de Formação Mandacaru, instituição mantenedora da escola. Por recomendação do Comitê de Ética, os participantes foram identificados no texto pelos codinomes: Biofertilizante, Gliricídia, Moringa, Meliponário, Agrofloresta, Casa de Sementes, Resistência Camponesa e Sementes Crioulas, termos associados às práticas agroecológicas desenvolvidas na própria escola.

O trabalho está organizado em três tópicos: no primeiro, refletimos sobre concepção de Educação do Campo e suas interfaces políticas e pedagógicas com a Agroecologia. No segundo tópico, abordamos sobre as práticas educativas desenvolvidas na Ecoescola na perspectiva da Agroecologia, destacando os diferentes espaços educativos e suas vinculações com os princípios da Agroecologia. No terceiro tópico, descreveremos sobre o processo de organização das práticas educativas nos diferentes tempos e espaços formativos.

A concepção de Educação do Campo e suas interfaces políticas e pedagógicas com a Agroecologia

O modelo de desenvolvimento instituído no campo sempre esteve associado aos interesses mercantis, representado pelo agronegócio, referenciado na alta tecnificação, no uso de insumos sintéticos e na total subordinação da produção ao capital financeiro, situação que representa uma ameaça à sobrevivência dos agroecossistemas e das populações que neles sobrevivem. Para Sampaio Junior (2013, p. 189-190), o agronegócio tem como principais características:

O predomínio de grandes empresas agrícolas, que organizam sua atividade produtiva tendo como base o controle de vastas extensões de terra e a mobilização de grandes contingentes de mão de obra barata para produzir mercadorias em grande escala no regime de monocultura, cristaliza o latifúndio e a superexploração do trabalho como pilares fundamentais da vida econômica e social no campo.

A expansão do capitalismo no campo configura-se pela superexploração dos recursos naturais e da mão de obra dos camponeses, tendo como consequência a degradação ecológica dos agroecossistemas e das dinâmicas organizativas e culturais desse território. Além disto, o agronegócio provoca sérios problemas de natureza imaterial, com a desestruturação de uma estratégia milenar de acumulação e construção dos “saberes tradicionais”¹ transmitidos às gerações subsequentes (Toledo, 2005).

Nessa perspectiva, o agronegócio promove uma ruptura que vai além da ocupação territorial, avançando na destruição das relações comunitárias de caráter político e organizacional, cultural, ambiental, econômico e produtivo, incluindo os aspectos referentes à conservação do patrimônio genético (sementes, incluindo espécies animais), resultado de um aprendizado histórico, repassado de geração a geração.

Diante dessa situação, os movimentos sociais atuam no sentido de denunciar as mazelas promovidas pelo agronegócio, bem como anunciar as possibilidades de construção de outro modelo de desenvolvimento pautado nos princípios da agricultura camponesa e da agroecologia. Construída dentro de outra lógica de desenvolvimento, a agricultura camponesa é referenciada nos princípios da sustentabilidade, cooperação, produção e acesso aos alimentos saudáveis, bem como na instituição de uma política que garanta a soberania alimentar (Santos, 2021).

A prática agroecológica é uma atividade que permeia historicamente a vida dos povos do campo e, por estar associada a uma forma de produção de conhecimentos que extrapolam os limites de natureza puramente agrônômica, desenvolve-se levando em conta outras dimensões da vida humana, como a valorização dos conhecimentos locais, a cooperação, os processos participativos e a garantia da produção das necessidades econômicas e socioculturais com respeito às variáveis ambientais.

A agroecologia constitui-se numa ciência que vem se organizando a partir da integração dos conhecimentos camponeses, indígenas e científicos; portanto, consolida-se como a referência central do modo de organização e produção da agricultura camponesa (Movimento

¹ Segundo o Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica (Ministério do Meio Ambiente, 1998), o saber tradicional é um conhecimento a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente, de geração a geração, são as práticas e inovações e não um simples repositório de conhecimentos do passado (Rodrigues, 2016)

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2010). Em virtude disso, Caldart (2017, p.145) argumenta:

Hoje a agroecologia representa a base científica e tecnológica da construção de uma lógica de agricultura que confronta a agricultura industrial capitalista. Fundamenta um modo de agricultura que seja ao mesmo tempo produtiva, ecologicamente equilibrada, conservando a biodiversidade, culturalmente adequada [...]. Trata a agricultura com a visão de longo prazo.

Dessa forma, a agroecologia passa a ser compreendida pelos movimentos sociais não apenas como um conjunto de técnicas que permitem uma produção referenciada no respeito ao meio ambiente, mas como uma estratégia de enfrentamento ao agronegócio. Vale destacar que a construção de um novo projeto de campo passa pela capacidade dos/as camponeses/as e de suas organizações fazerem o enfrentamento contra o modelo hegemônico, buscando denunciar e combater suas práticas concentradoras e excludentes, bem como o apoio dos poderes públicos na adequação das políticas de estado aos interesses desses grupos econômicos (Guhur; Thoná, 2012).

Nessa perspectiva, a agroecologia configura-se como um campo científico e prático que estuda a relação entre as plantas, animais, humanos e meio ambiente em sistemas agrícolas. Busca desenvolver métodos de produção alimentar que sejam sustentáveis, eficientes e justos, levando em conta os aspectos ambientais, sociais e econômicos. Além disto, a agroecologia valoriza a diversidade biológica, cultural, a cooperação e o conhecimento tradicional dos povos do campo.

Com o avanço do agronegócio, os movimentos sociais vêm ampliando suas lutas para além da democratização da terra e da apropriação de tecnologias associadas à produção, colocando a Educação do Campo como uma pauta estratégica na luta pela construção de outro projeto de campo mais justo, fraterno e solidário. Nesse contexto, a Educação do Campo surge a partir das lutas dos movimentos sociais contra o processo perverso de exclusão social e negação de direitos, principalmente do direito à educação e contra o modelo de educação oferecido aos/as camponeses/as, atrelado aos interesses do agronegócio (Lima, 2022).

Enquanto movimento de resistência política e epistemológica, a Educação do Campo constitui-se como uma alternativa teórica e pedagógica ao modelo de educação rural atrelado ao projeto de formação cultural, concebido a partir dos princípios e valores que dão sustentação ao processo de dominação capitalista. Nesse caso, “atua no sentido de subverter as lógicas políticas e ideológicas que dão sustentação aos modos de educar e conceber o campo e as relações sociais, num contexto marcado pela expansão do capitalismo por meio do agronegócio” (Lima, 2022, p. 90).

Nessa perspectiva, a Educação do Campo assume o desafio de contrapor-se ao projeto de sociabilidade vigente e ao modelo de escola rural materializado a partir da lógica capitalista, que nega aos sujeitos o direito ao conhecimento e às condições materiais para construção de uma vida digna. Na visão de Caldart (2012) e Freitas (2011), a Educação do Campo configura-se como um modelo de educação concebido em diálogo com os camponeses, referenciados nos seus saberes e nas suas lutas políticas e sociais, portanto, voltada à transformação social.

Com base nos referenciais teóricos da Pedagogia do Oprimido (Freire, 2019), da Pedagogia do Movimento (Caldart, 2012) e da Pedagogia Socialista (Pistrak, 2018), os movimentos sociais foram construindo outros pressupostos políticos e pedagógicos que ajudaram a delinear o projeto de educação do campo, evidenciando seu viés crítico e transformador. Nesse processo, foram delineados um conjunto de princípios pedagógicos que deverão nortear as práticas educativas nas escolas do campo.

De acordo com os princípios da Educação do Campo, a escola deve: a) ser um espaço de formação de sujeitos na perspectiva da emancipação humana; b) pautar os processos educativos na valorização dos diferentes saberes; c) promover e respeitar os espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem; d) conduzir o processo de construção do conhecimento como estratégia para o desenvolvimento sustentável; e) fortalecer os vínculos com o lugar e a realidade dos sujeitos; e f) estimular a autonomia e a colaboração entre os/as camponeses/as e o sistema de ensino (Brasil, 2012).

Em virtude disso, as escolas do campo têm buscado trilhar outros caminhos políticos que favoreçam a ruptura com as práticas educativas conservadoras, associadas à reprodução acrítica de conhecimentos, ampliando as trocas de experiências entre a escola e a comunidade, bem como o desenvolvimento de projetos educativos que potencializem a construção coletiva do conhecimento. Nesse caso, essas instituições buscam desencadear práticas educativas que possam partir da realidade do educando, instigando-os a problematizarem a realidade do campo, visando ao desenvolvimento do olhar crítico sobre o contexto histórico, político, econômicos e cultural no qual estão inseridos (Camacho; Fernandes, 2018).

Neste cenário de disputa entre o projeto de desenvolvimento capitalista, representado pelo agronegócio, e a agricultura camponesa, fundada nos princípios da agroecologia, os quais valorizam o trabalho coletivo e solidário dos camponeses, a Educação do Campo assume um papel estratégico na formação política da classe trabalhadora, formação essa associada à produção de conhecimentos que potencializem as alternativas de transformação social.

A partir dessa premissa, os movimentos sociais têm intensificado os esforços no sentido estreitar as relações entre a Educação do Campo e a Agroecologia, como forma ampliar a

produção de conhecimentos que favoreçam o desvelamento das contradições e das mazelas que permeiam as políticas instituídas pelo agronegócio, bem como o desenvolvimento de práticas sociais que dialoguem com os princípios da agroecologia e fortaleçam as estratégias de luta pela superação do modelo de desenvolvimento pautado no agronegócio.

Para Santos (2021), há uma estreita relação entre os princípios políticos e epistemológicos que dão sustentação aos projetos de Educação do Campo e as experiências desenvolvidas na área da agroecologia, uma vez que ambas as práticas pedagógicas repudiam as propostas baseadas no modelo de educação tecnicista, que possibilitam uma visão fragmentada da realidade, assim como a construção de projetos de desenvolvimento pautados nos interesses do capital, associados à modernização excludente do campo.

A agroecologia nos espaços escolares precisa ser trabalhada com o intuito de dinamizar os processos interdisciplinares, possibilitando uma articulação entre os diferentes conhecimentos, assim como uma inter-relação entre os conceitos das disciplinas às vivências e saberes que permeiam as práticas agroecológicas. Na visão de Caldart (2017), esse é um desafio que precisa ser assumido pelos movimentos sociais e pelos/as educadores/as que atuam nas escolas do campo. Assim,

A construção de relações orgânicas entre escolas e os processos de produção agrícola fundamentados na agroecologia integra o desafio da Educação do Campo de firmar práticas educativas avançadas, vinculadas à vida e à complexidade de suas questões, além de contribuir no combate ao agronegócio e à lógica social destrutiva de que ele é parte (Caldart, 2017, p. 01).

O estreitamento das relações entre a escola do campo e a agroecologia implica na redefinição da proposta pedagógica e curricular dessas instituições de ensino, de modo que o conhecimento agroecológico se torne a matriz referencial da proposta curricular, e que os conhecimentos das diferentes áreas possam ser articulados numa perspectiva interdisciplinar. Dessa forma, é importante consolidar a agroecologia como matriz pedagógica e curricular das escolas do campo, reconhecendo a riqueza epistemológica das práticas agroecológicas para a consolidação de projetos educativos comprometidos com a construção de alternativas viáveis de desenvolvimento das comunidades.

Na visão de Caldart (2020), a agroecologia traz inúmeras possibilidades para agroenriquecer os processos educativos, com o desenvolvimento de estratégias políticas e pedagógicas que permitam a ressignificação do conteúdo e da forma escolar. Dentre essas possibilidades, a autora destaca: a) o modo de produção referenciado em práticas de base ecológica possibilita um leque de oportunidades no que se refere à integração tanto das crianças como dos jovens no desenvolvimento de atividades agropecuárias, construindo conhecimento

a partir da prática e reflexão sobre o trabalho socialmente produtivo; b) o manejo de agroecossistemas requer, por parte dos/as camponeses/as, a apropriação de conhecimentos científicos que auxiliem nas práticas cotidianas; c) as práticas educativas realizadas a partir do envolvimento dos educandos/as em atividades produtivas reais, além de promover o desenvolvimento de habilidades, despertam o interesse e têm importância tanto para os estudantes como para suas famílias; d) a possibilidade de promover a ampliação da capacidade de análise relacionando como funciona a indústria da agricultura, o que seria realizado por meio de visitas e pesquisa de campo.

Em virtude disso, o processo de construção dos projetos educativos nas escolas do campo, baseados nos fundamentos da agroecologia, exige dos/as educadores/as a compreensão de que a Agroecologia se articula com a Agricultura Camponesa, numa perspectiva que extrapola os aspectos técnicos produtivistas, valorizando as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais das comunidades.

Essa situação requer, por parte dos/as educadores/as, um exercício teórico e prático permanente no que se refere à apropriação dos fundamentos da agroecologia, o que significa também um esforço coletivo para transformar a escola num espaço propício ao exercício de processos educativos emancipatórios, trabalhando a educação para além dos processos formais, em que a escola é mais que escola, a educação mais que educação.

Nesse contexto, a agroecologia constitui-se numa referência valiosa na luta pela transformação da escola e da realidade, por isso a necessidade de intensificar o processo de aproximação desta com as escolas do campo. Nessa direção, sua natureza constitutiva multidimensional evidencia sua referência epistêmica e pedagógica, principal razão de sua defesa como a grande saída para a sobrevivência da escola do campo e o fortalecimento da agricultura camponesa. Em virtude disso, Caldart (2016, p. 07) aponta:

1ª) A agroecologia integra um conjunto diverso e complexo de conhecimentos, com alto valor científico e cultural. Sua chave de análise da realidade está nas relações e na abordagem dos agroecossistemas como totalidade, explorando vínculos entre natureza, produção, política e cultura. 2ª) A configuração de seu objeto de estudo e de intervenção torna explícita e facilmente compreensível a relação entre teoria e prática na produção do conhecimento. 3ª) A constituição originária da agroecologia é interdisciplinar. Envolve ao mesmo tempo diferentes áreas da ciência, integrando estudos sobre a natureza e a sociedade, além de valorizar e trabalhar com diferentes formas de conhecimento. Seu estudo pode ajudar as escolas a desencadear processos de desfragmentação do ensino e inspirar novas lógicas de organização do plano de estudos. Sem um pensamento dialético (intuitivo ou cientificamente construído) não há como entender e pôr em prática a agroecologia.

Essas reflexões evidenciam que precisamos avançar na construção de estratégias políticas que aproximem os projetos educativos desenvolvidos nas escolas do campo com a

agroecologia, visando a produção de conhecimentos que favoreçam a construção de outro projeto de campo pautado na sustentabilidade socioambiental e na justiça social.

Nessa perspectiva, a agroecologia deve ser compreendida nas escolas considerando seu caráter pluridimensional e seu potencial pedagógico e epistemológico associado à construção de uma visão sistêmica da realidade e dos problemas do campo. Em virtude disso, o trabalho com a agroecologia favorece a construção de projetos educativos interdisciplinares capazes de estabelecer uma articulação com os diferentes conhecimentos construídos, tanto pelas diferentes áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar, quanto pela diversidade de experiências sociais, políticas e econômicas vivenciadas neste território (Lima, 2018).

A partir da análise do Projeto Político Pedagógico da Ecoescola Thomas A Kempis e dos diálogos estabelecidos com os educadores, gestores e educandos/as, verificamos que o projeto formativo dessa instituição é desenvolvido em diálogo com os princípios da agroecologia, buscando uma articulação com as comunidades, considerando a realidade dos próprios jovens. As experiências práticas e teóricas implementadas na escola se articulam política e pedagogicamente aos pressupostos políticos da agroecologia, com vistas à promoção coletiva do conhecimento e à emancipação dos sujeitos.

As práticas educativas desenvolvidas na Ecoescola na perspectiva da agroecologia

A Ecoescola Thomas a Kempis está localizada no território camponês, a 2,5 km da sede do município de Pedro II - Piauí. Foi criada em 2001, por iniciativa do Centro de Formação Mandacaru² e funciona em tempo integral, situação que permite que os educandos/as possam articular as experiências formativas de sala de aula com outras atividades educativas desenvolvidas nas oficinas e nas áreas produtivas da escola, possibilitando uma articulação entre a teoria e a prática.

A Ecoescola trabalha com o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio na modalidade integral. Conforme dados de 2020, foram realizadas 168 (cento sessenta e oito) matrículas, sendo 87 (oitenta e sete) do sexo masculino e 81 (oitenta e um) do sexo feminino, com faixa etária variando entre 11 (onze) a 23 (vinte e três) anos. O ingresso na escola é realizado por meio de Edital de seleção específico para este fim e são priorizados candidatos oriundos das comunidades camponesas, levando em conta as condições socioeconômicas das

² O Centro de Formação Mandacaru é uma organização não governamental, fundada em 1991, que trabalha na perspectiva popular, com projetos de formação e assessoria técnica na área da agroecologia e da convivência com o semiárido nas comunidades camponesas do município de Pedro II e regiões circunvizinhas.

famílias, a vinculação com o campo e serem egressos de escolas públicas (Ecoescola Thomas a Kempis, 2021).

Além das atividades regulares implementadas nos espaços educativos da escola, são desenvolvidos também vários projetos nas comunidades em que os estudantes residem, como forma de ampliar a articulação entre a escola e a comunidade, bem como fomentar a troca de conhecimentos entre as famílias e os profissionais da Ecoescola. Esse trabalho desenvolvido nas comunidades tem contribuído para a elevação do nível de organização social, política e produtiva dos/as camponeses/as, que contam com o apoio em atividades de capacitação, acesso a políticas públicas e outras tecnologias sociais voltadas à convivência com o semiárido (Santos, 2021).

No entorno da escola existe um amplo espaço onde se desenvolve um conjunto de atividades produtivas de cunho agroecológico, utilizado ferramenta pedagógica composta de duas áreas de horta sombreada, com aproximadamente oitenta canteiros; um aprisco; dois apiários com dez colmeias; uma roça orgânica e uma horta medicinal; uma estufa para sementeira; uma estufa para produção de tomate e um galinheiro. Além disto, são cultivadas diversas espécies frutíferas, como a produção de acerola, maracujá, goiaba, caju, manga, entre outros. Esta produção é utilizada na alimentação dos estudantes, e o excedente é comercializado na Feira da Agroecológica realizada na sede do município de Pedro II, sob a coordenação do Centro de Formação Mandacaru (Silva, 2017).

A partir da análise do Projeto Político Pedagógico da Ecoescola, verificamos que sua proposta pedagógica fundamenta-se em um conjunto de princípios políticos e pedagógicos voltados à implementação de práticas educativas alinhadas às bases teóricas da Educação do Campo, bem como a alguns princípios da agroecologia.

Nesse sentido, o trabalho educativo da Ecoescola assume o compromisso ético-político de contribuir com a formação crítica dos jovens do campo através de atividades educativas que extrapolem os muros da escola e se associem às comunidades camponesas e suas organizações. De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a Ecoescola deve:

[...] promover processos educativos que sejam críticos e ativos e que despertem a consciência das pessoas para as suas responsabilidades como cidadão/cidadã e para a atuação em consonância com o respeito ao ser humano. Educar dentro de um processo crítico-ativo significa modificar as atitudes, as condutas e as convicções, mas não pela imposição dos valores e sim por meios democráticos de construção e de participação que busquem possibilitar a experiência cotidiana desses direitos (Ecoescola Thomas a Kempis, 2021, p. 40-41).

Além disso, o Projeto Político Pedagógico traz outras referências teóricas que demonstram o compromisso assumido pela Ecoescola com relação à implementação de práticas

educativas capazes de promover um processo de formação comprometido com a elevação do nível de consciência e do compromisso dos atores envolvidos com práticas transformadoras da realidade. Em virtude disso,

A Ecoescola, ao assumir o projeto de educação contextualizada, traz para sua prática pedagógica os elementos da contextualização, relacionando-a à questão ambiental e ao desenvolvimento sustentável. É um dos elementos fundamentais, neste aspecto é a construção de uma prática que considere as diferentes realidades socioambientais e as diferentes trajetórias dos povos, levando em consideração os valores, os princípios éticos e o respeito ao ecossistema (Ecoescola Thomas a Kempis, 2021, p. 38).

Com o propósito de fomentar processos de desvelamento da realidade do campo, bem como apontar caminhos de transformação deste território, diante das condições históricas de pobreza e miséria vivenciadas pelos camponeses, os projetos educativos são desenvolvidos a partir das seguintes temáticas: convivência com o semiárido, contextualização, desenvolvimento integral, qualidade de vida e exercício da cidadania, os quais se estabelecem como eixos norteadores do trabalho pedagógico da Ecoescola como parte dos elementos constituinte da Educação do Campo e da Agroecologia.

Nesse caso, o projeto de educação implementado pela Ecoescola ancora-se em princípios e valores defendidos pelos movimentos sociais do campo, aspecto que reforça o seu compromisso político e pedagógico com a construção de práticas educativas que dialogam com os valores e princípios da Agroecologia e da Educação do campo. O diálogo com a agroecologia, em razão de seu caráter amplo e multidimensional, considera as dimensões da vida em todos os aspectos, do agrônomo ambiental às questões de natureza, ética, política, cultural e social.

Ao assumir os princípios da Educação do Campo, a Ecoescola compromete-se também com o desenvolvimento de uma educação voltada à transformação social, que fomenta novas relações de trabalho baseadas na cooperação e na solidariedade, bem como no desenvolvimento das várias dimensões da pessoa humana, baseada nos valores socialistas (Viero; Medeiros, 2018).

Diante desse contexto, a Ecoescola assume o compromisso com o desenvolvimento de um projeto de formação conectado com a realidade do campo e com os sujeitos nela envolvidos. Em virtude disso, defende:

[...] a importância de um projeto educacional que considere as questões locais para, a partir delas, construir um processo de educação emancipadora, dialógica e profundamente comprometida com uma sociedade mais ética, pautada no respeito ao multiculturalismo, na busca por sustentabilidade, na promoção de novas relações de gênero, na valorização dos direitos humanos, considerando os sujeitos em sua

integralidade, promovendo o seu desenvolvimento em todas as suas dimensões (Ecoescola Thomas a Kempis, 2021, p. 06).

Nessa perspectiva, a centralidade dos processos educativos reside na capacidade de promover a circulação de saberes, o respeito à diversidade, promoção da consciência e igualdade de gênero, portanto, construção dialógica permanente. Dessa forma, o Projeto Pedagógico da Ecoescola reafirma que:

[...] traz para sua prática pedagógica os elementos da contextualização, relacionando-a à questão ambiental e ao desenvolvimento sustentável. E um dos elementos fundamentais, neste aspecto é a construção de uma prática que considere as diferentes realidades socioambientais e as diferentes trajetórias dos povos, levando em consideração os valores, os princípios éticos e o respeito ao ecossistema (Ecoescola Thomas a Kempis, 2021, p. 38).

Considerando a necessidade de levar em conta a trajetória, o tempo histórico dos sujeitos e as peculiaridades de cada agroecossistema, a prática pedagógica desenvolvida na Ecoescola reveste-se de um potencial educativo que extrapola a relação com o conhecimento disciplinar; por essa razão, prioriza o protagonismo dos educandos/as, promove a elevação da criticidade, a problematização e a visão desfragmentadas da realidade, o que significa a materialização do caráter multidimensional da Agroecologia em sua prática cotidiana.

Os pressupostos políticos e pedagógicos que referenciam a atuação da Ecoescola nos permitem afirmar que os projetos educativos são concebidos a partir das necessidades dos educandos/as. Dessa forma, também se materializam numa permanente articulação entre os conteúdos disciplinares, a realidade e o tempo histórico dos sujeitos. Em consonância com os objetivos coletivamente estabelecidos, a Ecoescola organiza e desenvolve suas práticas educativas com base numa pedagogia que leva em conta a integração entre escola, família e comunidade, de forma que todos se engajem nos processos de construção do conhecimento.

Diante desse contexto, a proposta pedagógica e curricular da Ecoescola contempla os estudos dos componentes da Base Nacional Comum do Ensino Fundamental (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Ensino religioso e Educação Física) e do Ensino Médio (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, História, Filosofia, Sociologia, Ensino Religioso, Matemática, Física, Química e Biologia). No entanto, devido a seu compromisso político com as lutas em defesa da educação do campo, inova com a inserção do componente curricular “Agroecologia”, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, voltado aos estudos da realidade do campo e à construção de conhecimentos e tecnologias dirigidos aos princípios da agroecologia.

A partir da reformulação da Proposta Pedagógica e Curricular da Ecoescola, promovida em 2021, optou-se pela introdução da Agroecologia como disciplina específica, em substituição aos componentes Zootecnia e Técnicas agrícolas, antes trabalhados de forma isolada. Essa mudança demonstra um avanço no trabalho da escola, no sentido de manter suas práticas educacionais numa perspectiva de promover a compreensão da totalidade da realidade do campo. Além disso, demonstra o compromisso em aprofundar os estudos e a articulação entre seu projeto de formação e a agroecologia.

De acordo com a Matriz Curricular, a disciplina Agroecologia, ainda em processo de ajustes, tem uma carga horária de 2 (duas) aulas semanais e é ministrada para todas as turmas do Ensino Fundamental e Médio, o que corresponde a um total de 80 horas-aulas por ano letivo.

Conforme o Plano de Curso da disciplina, durante as aulas são abordados uma gama de conteúdos voltados à realidade do campo, tais como: semiárido nordestino - suas características gerais e potencialidades; agricultura familiar; segurança alimentar e nutricional; os modelos de agricultura; manejo agroecológico; práticas sustentáveis de produção agroecológica; biodiversidade no semiárido; o bioma caatinga; importância econômica, nutricional e formas de cultivo das diversas espécies frutíferas; apicultura, plantas melíferas e polinização; pequenas criações com manejo nutricional, alimentar e sanitários; plantas forrageiras da caatinga; importância nutricional das hortaliças, manejos culturais; plantas medicinais e remédios caseiros; compostagem, adubação verde e cobertura do solo (Ecoescola Thomas a Kempis, 2021).

Na parte das atividades complementares, a matriz curricular da Ecoescola conta ainda com as Atividades Práticas na área da Agropecuária, em que se materializa a articulação entre a prática e os conteúdos teóricos trabalhados das diferentes disciplinas. Sob a orientação e supervisão da equipe pedagógica, são realizados procedimentos de campos que abrangem desde a questão do planejamento, implantação e manejos diários de cada atividade agroecológica desenvolvida, tanto nas hortas medicinais e alimentícia, compostagem, avicultura, caprinocultura, quintal produtivo, apicultura e roça agroecológica.

Os conteúdos relacionados ao componente agroecologia são trabalhados também pelas disciplinas do núcleo comum na perspectiva da contextualização e da materialização da prática interdisciplinar. A partir desses componentes curriculares, a Escola desenvolve um conjunto de projetos e atividades voltados à concretização de práticas educativas que promovem a articulação entre a teoria e prática e a construção coletiva e interdisciplinar do conhecimento.

Nesse caso, as articulações políticas e pedagógicas entre os diferentes componentes curriculares se desenvolvem por meio de um conjunto de atividades realizadas nos diversos

tempos e espaços de formação promovidos pela escola. Nesses espaços/tempos, os educadores buscam promover a troca de experiências entre os educandos/as através de dispositivos metodológicos que favoreçam a circulação de saberes. A partir desse contexto, os educandos/as são instigados a promoverem uma articulação entre os conhecimentos construídos nas diferentes disciplinas às experiências práticas vivenciadas no âmbito dos projetos agroecológicos desenvolvidos na escola e nas comunidades.

São experiências que fomentam a reflexão crítica dos educandos/as acerca de suas experiências educativas e dos contextos sociais e políticos nos quais estão inseridos, bem como reafirmam o protagonismo dos jovens no desenvolvimento das atividades agroecológicas e na construção dos conhecimentos que emergem deste contexto de vivência/produção. Nesse trabalho, o espírito de cooperação e solidariedade são fundamentais no desenvolvimento e na organização das atividades coletivas implementadas dentro e fora da escola.

Verificamos que a Ecoescola busca complementar os componentes previstos na Base Nacional Comum com a introdução de diversas estratégias voltadas ao estímulo da circulação de saberes e construção interdisciplinar do conhecimento. Nesse sentido, apoiados por conteúdos e metodologias que vão ao encontro dos reais interesses dos educandos/as, são desenvolvidos vários projetos educativos associados a temáticas que o tempo histórico nos impõe.

O trabalho com a Agroecologia representa uma possibilidade de ressignificação das práticas desenvolvidas nas escolas do campo; por essa razão, a Ecoescola tem a Educação Contextualizada com o Semiárido e as experiências agroecológicas como referência principal de sua prática educativa. No próximo tópico, abordaremos os diferentes espaços educativos que vêm possibilitando a materialização do processo de articulação entre as práticas educativas lá vivenciadas com a Agroecologia.

Os diferentes espaços educativos e suas articulações com os princípios da agroecologia

Em diálogo com os conhecimentos agroecológicos, a Ecoescola trabalha com uma diversidade de espaços educativos, desenvolvidos dentro da escola e nas comunidades, numa parceria com o Centro de Formação Mandacaru. Essa situação permite as atividades das disciplinas do núcleo comum e da parte diversificada, como também as atividades complementares desenvolvam múltiplas possibilidades de construção do conhecimento numa interface com os princípios da agroecologia.

Nessa perspectiva, a Ecoescola desenvolve um conjunto de espaços educativos voltados à articulação entre teoria e prática, bem como à inserção crítica dos educandos/as na realidade social, política e econômica do campo, como forma de ampliar o processo de apropriação de conhecimentos e tecnologias associado à sustentabilidade. Dentre os principais espaços educativos implementados na escola, destacamos as áreas de produção agroecológica.

Áreas de produção agroecológica

As áreas de produção agroecológicas são espaços educativos onde são desenvolvidas as atividades produtivas de base agroecológicas, numa espécie de laboratório de práticas produtivas, através das quais as diversas disciplinas se nutrem dos mais variados temas e subsidiam a contextualização das práticas educativas numa articulação interdisciplinar. Nas áreas de produção são desenvolvidas várias atividades produtivas que buscam incorporar os princípios da agroecologia:

- *Horticultura* - nessa área são cultivadas, no sistema de hortas sombreadas,³ algumas espécies para o uso medicinal e olerícolas, sem o uso de insumos convencionais. A produção obtida é utilizada na Ecoescola e o excedente destinado à feira agroecológica realizada semanalmente na cidade de Pedro II - Piauí. Através de alguns projetos de extensão, realizados em parceria com o Centro de Formação Mandacaru, a produção de hortaliças é desenvolvida com as famílias dos educandos/as e nas comunidades que contam com a assessoria técnica e a infraestrutura necessária para a implantação desses projetos.
- *Avicultura* - a criação de galinha caipira é voltada para a produção de ovos, que são utilizados na alimentação servida na Ecoescola, havendo também a comercialização do excedente. Todo o processo produtivo é desenvolvido com uso de insumos alternativos, incluindo a alimentação e controle sanitário.
- *Quintal Produtivo/pomar* – nessa área são cultivadas diversas espécies frutíferas, como goiaba, acerola, mamão, citros, dentre outras. A diversidade de espécies frutíferas cultivadas e o manejo hídrico, a partir das cisternas de captação de água de chuvas, são práticas que estimulam os educandos/as e suas famílias a disseminarem alternativas para a convivência sustentável no campo. A produção obtida é utilizada para abastecer as demandas da própria Ecoescola, além de que o excedente comercializado. No quintal produtivo, assim como nas áreas de avicultura e horticultura, são desenvolvidas diversas atividades interdisciplinares,

³Uso de sombrite com objetivo de diminuir a intensidade da irradiação solar nas áreas de cultivo.

envolvendo as disciplinas do núcleo comum, por meio de estudos e pesquisas voltados à reflexão interdisciplinar do conhecimento e à articulação entre teoria e prática.

- *Caprinocultura* – com o uso de instalações adequadas e um manejo alimentar com uso sustentável das plantas forrageiras da caatinga são criadas matrizes caprinas e reprodutores. As práticas e manejos requeridos neste espaço produtivo e educativo contribui para que os/as educandos/as aprimorem o que já desenvolvem em suas unidades familiares. Nesse contexto, são construídos conhecimentos acerca dos aspectos técnicos, socioambientais e econômicos da caprinocultura, voltados à preparação dos jovens para intervirem na realidade de suas comunidades.
- *Roça Agroecológica* – nessa experiência agroecológica, o roçado é trabalhado a partir da conservação e melhoria contínua da vida do solo, o que é feito pela reposição de matéria orgânica através da cobertura viva com folhagens, galhadas de poda triturada e restolho da safra colhida anteriormente. Entre as áreas existentes, a roça agroecologia é a mais simbólica, por confrontar a divergência de saberes entre a forma tradicional de fazer agricultura e os conhecimentos desenvolvidos na perspectiva da agroecologia, visando promover uma relação mais harmônica com a natureza. Os conhecimentos produzidos a partir dessas experiências trazem contribuições importantes para o trabalho desenvolvido pelos jovens nas comunidades, bem como para os diálogos interdisciplinares construídos nas diferentes áreas do conhecimento.
- *Apicultura/meliponicultura* – nesta unidade são criadas abelhas apis melífera (com ferrão) e as meliponídeas (sem ferrão). Essa atividade é desenvolvida mais na perspectiva de apoiar estudos e pesquisas desenvolvidas pelos /as educandos/as e educadores/as. As temáticas nesta área suscitam debates em torno da preservação ambiental, da relação entre polinização e produção de alimentos.
- *Compostagem* – trata-se da produção de composto orgânico através da decomposição de restos vegetais, que são dispostos em camadas alternadas com cinzas, esterco, cascas de frutas, dentre outros produtos naturais, formando uma pilha que é frequentemente manejada com reviragem e manutenção da umidade. Nesta experiência, os estudantes são instigados a se mobilizarem e a se apropriarem, a partir da articulação teoria/prática, de alguns conceitos básicos das Ciências da Natureza, principalmente com relação aos princípios científicos da Química e da Biologia.

A partir dessas unidades produtivas, os educadores organizam diversas atividades interdisciplinares que buscam articular os conhecimentos das disciplinas com as experiências teórico-práticas vivenciadas pelos estudantes, tanto nas unidades produtivas desenvolvidas na

escola quanto nas comunidades. Com o intuito de garantir a interação entre as áreas, os estudantes são distribuídos em equipes de trabalho, independente do ano que estão cursando, para o desenvolvimento das atividades práticas nas diferentes áreas/atividades produtivas. Esses grupos de trabalho passam periodicamente por revezamento, possibilitando que todos os estudantes se envolvam nas atividades práticas de todas as áreas.

Os diálogos estabelecidos com os sujeitos da pesquisa, a partir das Rodas de Diálogo, evidenciaram que os diferentes projetos educativos, desenvolvidos a partir das áreas de produção agroecológica, dos projetos interdisciplinares de estudo e da investigação da realidade, constituíram-se em espaços estratégicos para aprofundar o processo de contextualização e articulação entre os conteúdos disciplinares e os conhecimentos gerados a partir do vivenciado no cotidiano. Nesse caso, a teoria e a prática são interligadas na perspectiva de formar sujeitos comprometidos com a luta por um novo projeto de campo.

As experiências agroecológicas e o processo de organização das práticas educativas nos diferentes tempos e espaços formativos

As reflexões realizadas em torno das práticas educativas desenvolvidas na Ecoescola na perspectiva da Agroecologia, evidenciam que as várias experiências agroecológicas implementadas pela escola favorecem a organização de diversos espaços/tempos educativos, permitindo aos/as educandos/as uma imersão crítica na realidade do campo, bem como o desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos capazes de apontar caminhos para a construção das alternativas de desenvolvimento desse território, pautados no princípio da sustentabilidade e da justiça social.

Nesse cenário, os/as educadores/as são desafiados a construir alternativas políticas e pedagógicas voltadas à implementação de práticas educativas que potencializem o processo de contextualização e articulação interdisciplinar dos conteúdos disciplinares, a partir das vivências nos diferentes espaços e tempos formativos. A partir dos diálogos estabelecidos com os/as docentes, podemos visualizar as estratégias políticas adotadas pela escola, visando à construção das alternativas metodológicas que favoreçam o trabalho interdisciplinar a partir das experiências agroecológicas que se tem dentro da escola, conforme demonstrado no depoimento:

[...] no início de cada ano letivo, os /as professores/as são convidados a conhecerem as áreas produtivas, lá tem alunos dizendo o que fazem, tem os técnicos dizendo quais são os saberes que são desenvolvidos ali, quais são as práticas e de que forma a gente pode trazer isso para a produção, para o português, como a gente pode trazer isso para

a matemática e você tem um campo imenso de possibilidade, em todas as áreas (Agrofloresta)⁴.

Observamos que a escola tem uma preocupação com a preparação dos educadores e com o planejamento coletivo das atividades pedagógicas que serão desenvolvidas durante o ano letivo. A visita coletiva dos educadores às áreas agroecológicas, no início do período letivo, constitui-se num momento importante de trocas pedagógicas entre os pares, buscando visualizar as inúmeras possibilidades de construção do conhecimento a partir das experiências vivenciadas pelos/as educandos/as/ e educadores/as naquelas atividades produtivas. A partir dessa aproximação, a equipe de educadores/as é desafiada a desenvolver estratégias de como relacionar a riqueza de conhecimentos inerentes às experiências agroecológicas aos conteúdos curriculares das respectivas disciplinas.

Durante as entrevistas, os/as educadores/as demonstraram como são organizados os projetos educativos no sentido de aproveitar o potencial pedagógico das áreas agroecológicas, na construção de práticas educativas interdisciplinares que favoreçam a articulação de conceitos e princípios das diferentes áreas que compõem o currículo escolar e possibilitem aos/as educandos/as/as a construção de uma compreensão ampla e integrada da realidade, conforme os relatos:

Uma das semanas o tema trabalhado foi Cisternas, momento em que estava sendo construída uma cisterna na escola; então aquela construção motivou diversas aulas, motivou diversas discussões em sala de aula. O professor de português foi até lá e foi produzido texto, feito leituras de materiais sobre isso. O Meliponário é um exemplo, foi com alunos até a uma comunidade fazer entrevistas com pessoas que receberam cisternas pelo projeto cisternas. O professor de matemática também foi lá ver essa questão das dimensões, os cálculos relacionados à construção da cisterna. (Agrofloresta)⁵.

Eu acho importante; por exemplo, no sexto ano quando eles estavam estudando sobre a horta e todo esse processo de horticultura, então ficou a matemática para trabalhar essas questões das dimensões do canteiro, do tamanho, da largura da quantidade de sementes em cada fileira, essa questão dos cálculos matemáticos, né. Já em artes nós trabalhamos, estudamos a arte bizantina, o mosaico e cada aluno ia escolher um fruto da horta para fazer o desenho, o mosaico, mas trazendo um dos elementos da horta como desenho para fazer o mosaico; lá no inglês ia traduzir o nome das hortaliças para a língua inglesa. [...]. Já em português produções textuais a partir dos elementos da horta, nas ciências a nutrição que cada fruto da horta traz para o seu organismo, então desta forma o trabalho fica mais prazeroso, a aprendizagem fica bem mais eficaz (Gliricídia)⁶.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

Nesse caso, os/as educadores/as trabalham no sentido de aproveitar as vivências práticas dos/as estudantes nas áreas produtivas, buscando problematizá-las a fim de instigá-los a refletirem sobre sua prática, extraindo desse processo elementos que possam potencializar o aprendizado e a articulação com os conhecimentos escolares, dentro de um movimento pedagógicos que articula a teoria e a prática, na perspectiva da práxis.

Os depoimentos de Agrofloresta e Gliricídia demonstram que há uma preocupação da equipe pedagógica em articular os diferentes conteúdos curriculares com as vivências práticas nas áreas produtivas, buscando estabelecer um diálogo entre os conhecimentos da área técnica com aqueles vinculados aos componentes do núcleo comum, evidenciando a riqueza pedagógica e epistemológica que reside no cultivo de hortaliças, na construção das cisternas e nas diversas atividades vivenciadas cotidianamente pelos/as educandos/as nas áreas produtivas. Nessa perspectiva, Biofertilizante⁷ destaca que:

[...] através das práticas agroecológicas a gente consegue integrar o conhecimento teórico das disciplinas tradicionais com a prática. Então, o professor de ciências vai trabalhar ecossistema, ele não vai ficar só lá no livro, elevai mostrar lá na prática como a gente pode aproveitar as potencialidades daquele ambiente em que a gente está.

Nesse depoimento, o educador destaca a importância do trabalho desenvolvido nos espaços produtivos agroecológicos para a formação dos jovens. São experiências que, além darem subsídios para ressignificar a prática educativa, contribuem também para estimular o desenvolvimento de práticas e atitudes pautadas da cooperação e na solidariedade, em contraposição aos comportamentos referenciados no individualismo e na competitividade.

Nos diálogos com os/as educadores/as, a parceria entre a Escola e a comunidade foi outro aspecto considerado importante no trabalho educativo desenvolvido pela escola a partir da agroecologia. Na visão dos educadores, os projetos agroecológicos desenvolvidos na escola, tanto potencializam as aprendizagens dos conhecimentos curriculares, como favorecem as trocas de experiências e a produção de conhecimentos voltados à construção de estratégias de desenvolvimento sustentável do campo, conforme destacam os depoimentos:

[...] algumas coisas que a gente desenvolve na Ecoescola, a questão de hortas, de roças, a gente também desenvolve nas comunidades e há uma troca de saberes. As famílias têm uma participação muito grande dentro da escola, participando de projetos, de formações e há uma troca de saberes. Na questão de hortas, das roças e dos saberes que a gente desenvolve dentro da escola, então há uma troca também, [...] tanto a escola contribui para a comunidade como a comunidade também pode contribuir com os saberes da escola (Meliponário)⁸.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

**AS INTERFACES ENTRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA NOS PROJETOS EDUCATIVOS
DA ECOESCOLA THOMAS A KEMPIS**

Francisco de Assis Santos • Elmo de Souza Lima

A roça agroecológica é um exemplo disso, que a gente leva para as comunidades. Se a gente for levar ao pé da letra a roça agroecológica comparada a roça tradicional, ela diminui a metade do serviço, por aí já se tira. Só que muitos não acreditam, porque o senhor, o seu Zé lá do interior está acostumado todos os anos a cortar e queimar. E a primeira coisa que ele diz: rapaz, hoje, uma roça que eu corto, que eu queimo não dá nada, imagina uma que eu não queimo. Aí é onde entra a questão de você saber lidar com essa divergência de saberes (Moringa)⁹.

Contribui para um conhecimento maior também sobre as potencialidades da região, porque em geral a agroecologia está muito voltada para o ambiente em que ela está sendo desenvolvida, para as potencialidades locais. [...] por exemplo, da disponibilidade de água, da disponibilidade de terra, da cultura, ela envolve também esse aspecto da valorização da cultura local, então ela tem uma série de temáticas que podem ser trabalhadas (Agrofloresta)¹⁰.

Nesse caso, os projetos agroecológicos criam novas possibilidades de diálogos e trocas de experiências entre a escola e a comunidades, reafirmando o papel da Educação do Campo na produção e difusão de conhecimentos que favoreçam a construção de alternativas políticas e organizativas associadas ao fortalecimento da agricultura camponesa e de outro modelo de campo, pautado na cooperação e nas relações de parcerias e solidariedade entre os camponeses. (Caldart, 2012).

Na visão de Meliponário e Moringa, o trabalho educativo desenvolvido em diálogo com a agroecologia abre novas possibilidades de valorização e reconhecimento dos saberes tradicionais produzidos pelos povos do campo, aspecto que possibilita também a ressignificação dos processos educativos, na medida em que diferentes perspectivas de compreender o campo e as relações sociais, políticas e econômicas tecidas neste contexto são colocadas em discussão durante as atividades formativas.

Além disto, a inserção das famílias nas atividades da Ecoescola possibilita também o desenvolvimento de uma nova cultura da participação e de se fazer presente no chão da escola, contribuindo com os processos formativos desenvolvidos nos diversos espaços educativos. A aproximação com as famílias e as comunidades se realizada através de atividades formativas dentro da escola e nas próprias comunidades, através da implantação de hortas, da Roça Agroecológica, dentre outros projetos. São iniciativas que corroboram o propósito de promover o desenvolvimento sustentável previsto no Projeto Político Pedagógico.

Para as educadoras Casa de Sementes e Agrofloresta, as atividades agroecológicas trazem uma variedade de questões e situações problemas, que emergem do contexto sociocultural e produtivo dos/as educandos/as, que precisam ser aprofundadas a partir dos diálogos interdisciplinares com os conhecimentos e conceitos inerentes aos componentes

⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de agosto de 2021, na cidade de Pedro II – Piauí. Participante utilizou codinome.

curriculares que compõem a matriz curricular da escola. Nesse contexto, temos um ambiente fecundo para a produção de novos conhecimentos, tecidos pelo movimento teórico-prático, permeado por uma pedagogia da práxis, da ação-reflexão-ação (Freire, 2019).

Nesse processo de ação-reflexão-ação e dos diálogos entre os diferentes saberes que emergem dessa problematização crítica da realidade, há também as possibilidades de diálogo entre os diferentes pontos de vistas que permeiam o cotidiano dos camponeses. Esses diálogos são permeados por tensões e resistências, já que valores e crenças são questionados e problematizados. Dessa forma, é importante que os educadores tenham a capacidade de questionar as práticas sociais e os valores que permeiam essas experiências, sem desprezar os sujeitos e suas histórias, buscando atuar numa perspectiva de humildade e respeito ao pensar do povo do campo, sem com isto, ser condizentes de visões limitadas e/ou ingênuas do mundo (Freire, 2019).

A partir dos diálogos estabelecidos com os educadores e das reflexões realizadas com base no Projeto Político Pedagógico, verificamos que o projeto de formação da Ecoescola é desenvolvido no sentido de garantir uma efetiva prática interdisciplinar, concebido e implementado de forma coletiva, dialogando com os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo e nos vários espaços educativos disponíveis dentro da escola e fora dela. Nesse processo, os componentes de natureza ambiental, político-organizativo, econômico e produtivo, bem como as experiências sociais e políticas das famílias, comunidades e suas organizações se constituem em laboratórios vivos e de aporte de conhecimentos para as diversas áreas.

Considerações finais

A educação do campo se apoia nas lutas dos movimentos sociais e na compreensão do território camponês como espaço composto por múltiplos saberes e práticas sociais, bem como por uma diversidade de agroecossistemas, o que reafirma a riqueza ambiental e cultural deste território. Neste caso, os projetos formativos concebidos a partir dos princípios e valores da educação do campo visam à formação integral dos sujeitos, referenciados em práticas críticas e dialógicas, implementadas em parceria com os/as camponeses/as e suas organizações.

Nesse contexto, os movimentos sociais trabalham no sentido de aprofundar os diálogos entre a educação do campo e a agroecologia como possibilidade de consolidação de outro projeto de campo pautado na sustentabilidade e na luta pela soberania alimentar, que tem a agricultura agroecológica como base para as políticas de desenvolvimento e de produção da vida no campo.

As articulações políticas e pedagógicas entre educação do campo e agroecologia realizam-se fundamentalmente a partir da conexão dos conteúdos disciplinares trabalhados nos espaços escolares em diálogo com as práticas desenvolvidas pelos sujeitos nos âmbitos sociopolítico, econômico e cultural. Nesta perspectiva, o ponto de partida para a materialização dessa aproximação orgânica entre educação e agroecologia é o fortalecimento dos vínculos dos processos educativos com as lutas sociais camponesas, suas experiências históricas e o contexto em que estas se realizam.

Durante a pesquisa, verificamos que o projeto formativo da Ecoescola se desenvolve a partir de diversas experiências educativas que buscam dialogar com as práticas sociais e políticas dos povos do campo, buscando articular os conteúdos escolares às atividades agroecológicas implementadas na escola e nas comunidades.

Nessa perspectiva, as práticas educativas são organizadas levando em conta os diferentes tempos e espaços que incluem, por um lado, as atividades agroecológicas, a exemplo da horta sombreada, da horta medicinal, da roça orgânica, da compostagem, da criação de galinhas, caprinocultura e apicultura; por outro, as ações de extensão e troca de experiências desenvolvidas junto às comunidades locais, a partir da implementação dos projetos complementares de estudos e investigação da realidade.

Nesse caso, a circulação de saberes, em especial do conhecimento agroecológico, é um processo que se desenvolve a partir da vinculação dos aspectos formais dos processos educativos interdisciplinares com as estratégias organizativas e produtivas no âmbito das comunidades. Nesse processo, a equipe pedagógica busca estabelecer uma interligação entre os conhecimentos científicos e populares, situação que tem estimulado o desenvolvimento das potencialidades locais, associadas aos princípios da sustentabilidade e da preservação da natureza.

Os conhecimentos produzidos a partir dos projetos educativos agroecológicos voltam-se à formação crítica dos/as educandos/as, possibilitando a compreensão dos desafios vivenciados no campo a partir dos projetos de desenvolvimento instituídos pelo agronegócio, pautados na degradação do meio ambiente e na exploração dos recursos naturais. Além disso, favorece a formação técnica e política dos jovens associada à construção de outro projeto de vida no campo pautado nos princípios da sustentabilidade, à cooperação e na luta pela transformação social.

Os diálogos estabelecidos com os sujeitos da pesquisa evidenciaram que os diferentes projetos educativos, desenvolvidos a partir das áreas de produção agroecológica e dos projetos interdisciplinares de estudo e investigação da realidade, constituíram-se em espaços

estratégicos para aprofundar o processo de articulação entre os conteúdos disciplinares e os conhecimentos gerados a partir do vivenciado no cotidiano. Nesse caso, a teoria e a prática são interligadas na perspectiva de formar sujeitos comprometidos com a luta por um novo projeto de campo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação continuada, Alfabetização, Diversidade e inclusão – SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: SECADI, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **A função social das escolas do campo**. Canal da TV FONEC no YouTube, 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oOr53f4LvjU>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CALDART, Roseli Salete. **Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida!** Porto Alegre: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2016. Disponível em: https://www5.unioeste.br/portalunioeste/arq/files/GEFHEMP/01_-_Escolas_do_Campo_e_Agroecologia.pdf. Acesso em 10 dez. 2019.

CALDART, Roseli Salete. Caminhos para transformação da escola: trabalho agroecologia e educação politécnica nas escolas do campo. *In*: CALDART, R. S. (org.). **Caminhos para a transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

CAMACHO, Rodrigo Simão; FERNANDES, Bernardo Mançano. Crítica à Crítica ao Paradigma da Educação do Campo. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 26, 2018. DOI: 10.22481/praxis.v13i26.2820. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/2820>. Acesso em: 1 dez. 2023.

ECOESCOLA THOMAS A KEMPIS. **Projeto Político Pedagógico**. Pedro II – PI: Ecoscola Thomas a Kempis, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FREITAS, Helena Célia de Abreu. Rumos da Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 35-49, abr. 2011.

GUHUR, Dominique Michèle Periotto; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

LIMA, Elmo de Souza. A educação do campo como espaço de resistência política e epistemológica: as lutas por outras pedagogias. **Revista Teias**, v. 23, n. 68, p. 89-103, mar.

2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/60893>. Acesso em: 06 maio 2023.

LIMA, Silvana Lúcia da Silva. Agroecologia e Práticas Pedagógicas na Educação do Campo. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 26, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/2822>. Acesso em: 01 dez. 2023.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setores de Educação, de produção, Cooperação e Meio Ambiente. **Agroecologia, Soberania Alimentar e Cooperação**. Coleção Sempre é tempo de aprender, Caderno nº 2, São Paulo, set. 2010.

PISTRAK, Moisey Mikhailovich. **Fundamentos da escola do Trabalho**: uma pedagogia social. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

RODRIGUES, Eleomar dos Santos. **Ditos e feitos de troncos velhos tremembés de Almofala - CE**: saberes que brotam da terra, do céu, dos rios e do mar. 2016. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, 2016.

SAMPAIO JUNIOR, Plínio de Arruda. Notas críticas sobre a atualidade e os desafios da questão agrária. In: STEDILE, João Pedro. (org.) **A questão Agrária no Brasil**: debate sobre a situação e perspectiva da reforma agrária de 2000. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 167-187.

SANTOS, Francisco de Assis. **Educação do campo e agroecologia**: diferentes espaços/tempos de formação e construção coletiva do conhecimento. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2021.

SILVA, Maria Sueleuda Pereira da. **Educação do campo**: contributos da prática educativa para a construção da identidade camponesa dos educandos (as). 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: UFPI, 2017.

TOLEDO, Víctor Manuel. La memoria tradicional: la importancia agroecológica de los saberes locales. **LEISA**. Revista de Agroecología, v. 20, n. 4, 2005. Disponível em: <http://www.leisa-al.org/web/index.php/volumen-20-numero-4/2073>. Acesso em: 17 jun. 2023.

VIERO, Janisse; MEDEIROS, Liziany Müller. **Princípios e concepções da educação do campo**. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Francisco de Assis Santos. Mestre em Educação pela UFPI. Licenciado em Pedagogia; É Extensionista Rural da Secretaria de Assistência Técnica e Defesa Agropecuária – SADA-PI. É membro do Núcleo de estudos e Pesquisa em Educação do Campo (NUPECAMPO). Contribuição de autoria: participação em todas as etapas do estudo e da escrita do manuscrito-<http://lattes.cnpq.br/6954772092927285>

Elmo de Souza Lima. Pós-doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Coimbra. Doutor em Educação pela UFPI. Docente na Universidade Federal do Piauí. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo (NUPECAMPO). Contribuição de autoria: supervisão do projeto, revisão e ajustes do texto e edição final - <http://lattes.cnpq.br/5107202296217835>

Como citar este artigo

SANTOS, Francisco de Assis; LIMA, Elmo de Souza. As interfaces entre a Educação do campo e Agroecologia nos projetos educativos da Ecoescola Thomas a Kempis. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20 n. 51, 2024. DOI: 10.22481/praxisedu.v20i51.12746